



## Entre crimes e jornalismo “popular”: as representações das mulheres vítimas de violência no Jornal *Aqui PE*

Mércia Cristina da Silva Assis\*

### RESUMO

Este trabalho se propõe a pensar as representações do sujeito feminino nas páginas do periódico impresso pernambucano *Aqui PE*, compreendendo a mídia enquanto construtora/ construída de/por sentidos, hábitos, formas de ver e agir no mundo. Nesse sentido, importa discutir a complexa realidade de construções de representações do sujeito feminino nas dimensões da violência atrelado ao contexto do jornalismo que o *Aqui PE* se propõe a ser: um jornalismo direcionado aos “populares” com a voz destes no seu dia-a-dia. Respectivamente, a análise do jornal compreende o período de janeiro a junho de 2013, sendo analisadas as páginas policiais do periódico em questão. Possuindo como suporte a bibliografia específica e os diversos autores que debatem esse complexo universo da mídia e suas representações, assim como, do sujeito feminino e as identidades, o presente trabalho questionou a lógica da violência cotidiana sofrida pelas mulheres que são representadas pelo *Aqui PE*. O referido jornal, ao retratar os fatos violentos nas páginas sem demarcar as particularidades destas violências, no nosso caso a violência de gênero, favorece a indistinção e a naturalização dos crimes ocorridos, sem a categorização da violência de gênero como um constructo sócio-histórico-cultural, perpetuada por práticas de violências físicas, sexuais, morais, e psicológicas que possuem como eixo motriz a discriminação de gênero. Assim sendo, a construção discursiva no jornal impresso *Aqui PE*, está alicerçada na representação dos opostos (homem e mulher) enquanto sujeitos inscritos naturalmente numa relação hierarquizada.

**Palavras-chave:** Gênero. Violência. Mídia Impressa. Representações.

### INTRODUÇÃO

Ao longo deste trabalho entabulei a questão em torno do “popular”, aliado às estratégias dos jornais tidos como “populares. Suas tensões, fissuras e dinâmicas expressam as possibilidades de entender os modos como estes interagem e constroem condutas, normas, hábitos, discursos e representações. As mulheres são

---

\* Bacharel em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco. GT-13: Gênero e Comunicação.

# 18º REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



postas, enquanto categoria analítica, a todo o momento nesta lógica: fazem parte das construções sociais dos gêneros. Assim como Adão e Eva foram imortalizados no mito de Gênesis, os gêneros são construídos, também, em meio às mídias. Elas reiteram discursos, definem, fazem e refazem os comportamentos que devem ser adotados.

Ao longo deste trabalho procurei discutir os conceitos, tendo como enfoque o jornalismo dito “popular”. Mostrei como os conceitos podem, em alguns aspectos, dificultar o entendimento do objeto. O conceito de “popular” tornou-se um dos principais aspectos a serem tratados, numa tentativa de questionar que conceito seria este, aclamado pelas diversas áreas do conhecimento e utilizado pelo referido periódico.. Realmente, o Jornal Aqui PE constrói representações que se efetivam sob a forma de sentidos. E eles norteiam idéias, práticas e costumes, bem como formas de sentir e agir.

As manchetes e capas deste jornal servem como referencial para entender o teor das matérias. O grotesco, sob a forma da violência, é a todo tempo contextualizado. Pobreza, violência e vida íntima mesclada a um “bom humor” extremamente questionável. De maneira geral, a violência naturalizada pelo jornal Aqui PE consegue construir consensos no imaginário social sobre o lugar da mulher. Este lugar é marcado pela dominação e opressão, inquestionavelmente expressas nos autos índices de violações e assassinatos que acometem cotidianamente a vida das mulheres.

## 1. *Aqui PE*: jornalismo popular?

Neste trabalho, optei por fazer algumas reflexões sobre os jornais dito “populares”. Os jornais, assim como as músicas, filmes, revistas, dentre outros meios, estabelecem modos de ser e de ver a vida. Sugerem e encaminham pontos de vista, ideias e concepções.

O jornal impresso “adaptou-se” às configurações da sociedade capitalista brasileira cada vez mais inserida na lógica do consumo de diversos bens e serviços.

# 18º REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Este jornalismo, caracterizado como popular, se construiu a partir da aproximação com os anseios, pontos de vista e modos de ser dos “populares”, retroalimentando jargões, gírias e pensamentos já existentes no cotidiano. O jornalismo dito popular, nesse sentido, não “inventa” os modos de ser e ver o mundo, mas contribui para massificar e homogeneizar atos de conduta. Torna “moda” aquilo que é aceito pelos leitores, a partir do fenômeno da identificação, que é também uma construção. A identificação, nesse sentido, é fundamental para o sucesso do jornalismo “popular”.

Fundamental para entender este jornalismo, Amaral (2006) defende que os periódicos que se reivindicam como populares devem ser aceitos como tais, e que a pecha de “sensacionalista” não serve para nomeá-los. Segundo esta autora, os jornais populares da atualidade podem servir à população com notícias de qualidade e a baixo custo, tendo em vista as diferentes modificações que incorporaram ao longo dos anos. Matérias de entretenimento, prestação de serviços, dentre outros, constituem-se em partes fundamentais do jornalismo “popular”, superando as velhas estereotípias que jogavam este tipo de periódico para o sensacionalismo pautado na espetacularização da violência como única possibilidade de vender notícias. Ou seja, Amaral (2006, p. 21) enfatiza que o conceito de jornalismo popular é mais indicado para nomear os periódicos voltados às “camadas populares”, pois o termo “sensacionalismo” traz consigo o preconceito que abarca tanto o tipo de mídia, como o seu público alvo.

Mas, como estabelecer a superação do conceito de jornalismo “sensacionalista”, substituindo-o pelo termo “popular”? Pode-se dizer que todo jornal popular é sensacionalista, ou de que ambos se baseiam no grotesco e bizarro do cotidiano? Amaral, na obra já citada, indica que:

(...) O uso do termo “popular” não é tão difícil de justificar. Afinal, a imprensa que abordo se auto-intitula(*sic*) popular, e é bem consumida no seu mercado alvo. São jornais baratos, com baixa paginação, vendidos em bancas, que abrigam publicidades de produtos destinados ao público de baixa renda, embora ainda atendam a ínfima parcela da população. Também pressuponho que esse segmento da imprensa se utiliza de elementos culturais historicamente destinados aos setores populares ou produzidos por eles. Mas é importante ficar claro que o termo “popular” não



tem o sentido de contra-hegemônico. O popular identifica apenas um tipo de imprensa que se define pela sua proximidade e empatia com o público-alvo, por intermédio de algumas mudanças de pontos de vista, pelo tipo de serviço que presta e pela sua conexão com o local e o imediato (AMARAL, 2006, p. 16).

Conforme observado, a autora em questão enfatiza a pertinência do termo “popular”, em contraposição a outro (sensacionalista) utilizado para nomear os periódicos consumidos “pelas camadas populares”. Devo considerar ser importante a discussão encetada por Amaral, mas, ao que me parece, esta autora não questiona e sequer analisa em sua minudência a autocaracterização deste tipo de jornalismo, criando um ambiente adusto para aqueles “desinformados” deste debate. A autora em questão, tomando a autodefinição daqueles que fazem os periódicos, opta por não mensurar tal categoria. Deste modo, estou pontuando que a compreensão do termo “popular” deve ser mais bem pensada.

O conceito de “popular”, utilizado para nomear os periódicos que se utilizam desta classificação, parte do mesmo pressuposto existente em outros trabalhos, que pensa em uma lógica homogeneizadora, impondo a um sem número de homens e mulheres o lugar do grotesco, bizarro e extemporâneo. Em outras palavras, esta categorização de “popular” impõe um lugar “subalterno” e distinto para as práticas e os costumes destas pessoas, como se estas fossem opostas ao que é erudito ou clássico. Para além da homogeneização dos indivíduos, caracterizados por conceitos que engessam suas práticas, o conceito de “popular” também serve para medir e se opor ao “não popular”.

De outra forma, o “popular” é o antagônico ao “não popular”, ou seja, ao que é identificado como “cultura de elite”. Para Chartier:

(...)os debates em torno da própria definição de cultura popular foram (e são) travados a propósito de um conceito que quer delimitar, caracterizar, nomear práticas que nunca são designadas pelos seus atores como pertencendo à cultura popular (CHARTIER, 1995, p.1).

Chartier mostra que o conceito de “popular” estabelece e qualifica os indivíduos em tipos de relações: “um modo de utilizar objetos ou normas que



# 18º REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Ora, o dito “popular”, conforme observação acima indicada, pode ser visto como inferior e desqualificado, quando comparado ao “não popular”. Temos aqui, então, duas diferentes dimensões para a recusa do conceito e sua aplicação no entendimento do jornal *Aqui PE*. Primeiro, trata-se de uma categoria que homogeneiza o que é diverso e múltiplo em todos os sentidos. E em segundo, cria um sentido hierárquico e claramente desqualificado. Além disso, há também a desarmonia do conceito para com a natureza do jornal: como pode ser popular um veículo feito e pensado por “não populares”? Eis uma excelente contradição, que infelizmente não foi percebida por Amaral (2006).

Mas, pode-se então afirmar que as páginas deste jornal são artificiais e destituídas de verossimilhança com o seu público alvo? Claro que não! Há, evidentemente, apropriações de ambas as partes – público e jornal – mas, ao mesmo tempo em que este se apropria, também cria e retroalimenta costumes e práticas. Além disso, o jornal homogeneiza seus leitores, qualificando-os como ‘populares’. Nesse sentido, o jornal também produz sentidos na vida dos indivíduos e da sociedade. São, nesse aspecto, centrais na produção da memória social e do conhecimento.

A partir dos novos meios tecnológicos a mídia, no processo de comunicação, vislumbrou a capacidade de transpor as barreiras do tempo/espaço, ou seja, há um maior distanciamento no que tange ao espacial e uma aproximação no que se refere ao temporal. Isso quer dizer que essas mudanças espaço/tempo impactaram na forma dos sujeitos reconhecerem a si e aos outros. Nesse sentido, pontuo que a mídia e as novas tecnologias inseridas no contexto midiático são/foram “molas” propulsoras para efetivas mudanças nas construções das identidades sociais, dentro de um contexto macroestrutural da sociedade capitalista, urbana e industrial.

Em épocas onde espaço/tempo estabelecem uma relação cada vez mais imediata e fluída, produtora de verdades e saberes diversos, divergentes, contraditórios e (des)contínuos, voláteis e efêmeros, a mídia, na transmissão da informação, possui interesse direto não em noticiar apenas, mas em formar opiniões (MEDINA, 1988, p. 51). A informação participa tanto da lógica econômica, com

# 18º REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



interesses de mercado, como também, da lógica simbólica, pois atua diretamente na construção da opinião pública (CHARAUDEAU, 2009, p.29).

Quando Amaral (2006) afirma a existência do jornalismo popular, ela estabelece e diferencia, a partir de uma caracterização, um tipo de jornalismo do outro. Ou seja, ela trabalha com a lógica da dicotomia no jornalismo (Amaral, 2006, p. 29). A autora em questão pontua que há diferenças significativas tanto na estrutura do jornal dito “popular”, como do conteúdo e público-alvo (ressaltados no parágrafo anterior). Para ela, o jornalismo popular diverge daquele conhecido como “de referência”, caracterizado, sobretudo, por sua credibilidade na forma de produzir e expressar os fatos da realidade:

Considero jornalismo de referência os grandes jornais consagrados econômico e politicamente ao longo da história, que dispõem de prestígio no país e são dirigidos as classes A e B. Os jornais de referências são também conhecidos como qualitypapers (jornais de qualidade) e considerados como veículos de credibilidade entre os formadores de opiniões (AMARAL, 2006, p. 19).

Isso não significa que o jornalismo dito “popular” seja destituído de importância no imaginário da sociedade, ou melhor, que esta seja reduzida se comparada aos jornais tradicionais/referências. Creio que esse ponto expressa exatamente o contrário! Estou me referindo a um jornalismo diferenciado (em termos de estrutura, conteúdo), mas extremamente arraigado em nossa sociedade, extremamente desigual. Esses jornais trazem consigo expressões de uma sociedade marcada pelas diversas diferenças, entranhadas na indústria cultural e de consumo de bens e serviços. Tal questão, do dito “jornalismo popular”, não constitui fato isolado do Brasil, uma vez que este fenômeno acompanha uma tendência que se verifica em outros países.

Este fenômeno dos jornais “populares” pode servir como motivo de reflexão para uma questão levantada por alguns estudiosos, a exemplo de Adorno e Horkheimer (1985). Conforme indicado por estes, a indústria cultural não necessariamente atende às necessidades sociais. Servem como um esclarecimento

# 18º REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



sob a mistificação. E esta definição se encaixa perfeitamente ao jornal que estou discutindo. Para uma melhor elucidação deste aspecto, recorrerei ao trecho abaixo:

Além disso, a baixa qualidade dos produtos oferecidos pela indústria cultural – em suma, sua padronização – seria também o resultado de necessidades dos próprios consumidores; eis por que os padrões são aceitos por eles sem resistência. Horkheimer e Adorno rebatem esse argumento, **dizendo que, na verdade, a indústria cultural atende imediatamente a necessidade do seu público, mas de um modo que os seus legítimos anseios são apropriados por ela no sentido de cumprir seus objetivos de lucratividade e controle social** (DUARTE, 2002, p. 38 – 39, grifos meus).

As matérias do Jornal Aqui PE ao mesmo tempo em que diverte e choca as pessoas, reforça seus estereótipos e preconceitos sobre o cotidiano. Nas suas capas as “belas mulheres” mostrando seus corpos, ou sendo vítimas/causadoras de violências, servem como excelente exemplo do imediato de como a notícia se transforma em “realidade”, e por isto mesmo é consumida de forma voraz.

## 2. *A vida íntima e a pobreza - a notícia do grotesco: “Assassinada a tiro dentro do ônibus”.*<sup>†</sup>

Entre facas, balas, sangues, espancamentos e torturas estão os sujeitos femininos que aqui irei tratar. São as mulheres vítimas de violência, apontadas como alvos do “femicídio”, conforme discutirei mais adiante. Elas estão diariamente nas capas e páginas policiais do jornal *Aqui PE*. Certamente são as primeiras a serem observadas pelo leitor, pois os inúmeros casos divulgados semanalmente estão na terceira página do jornal. Ao abrir o jornal, a página policial é a primeira a ser vista, uma vez que está localizada logo após a capa.

---

<sup>†</sup>Assalto e covardia. Assassinada a tiro dentro de ônibus. *Aqui PE*, Recife, 21 de fevereiro de 2013, capa. Esta é mais uma dentre outras matérias de capa alusivas à violência. O jornal em questão ora tematiza a sexualidade, ora opta pela violência e o drama como chamadas de capa. Há situações em que ambas aparecem de forma conjunta.

**18º REDOR**  
24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE  
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:  
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Mesmo considerando que a violência representa um tema importante para os jornais ditos “populares”, não se pode afirmar que esta seja a única forma de atrair o público. Amaral (2006) mostra que a linha do “*espreme que sai sangue*” ainda se mantém atual, mas não exclui outras tendências, a exemplo da espetacularização da vida cotidiana, expressa em suas diferentes facetas. Embora com caráter de neutralidade (e inocência) penso que a violência ainda é uma propriedade crucial para esses jornais, por diversos motivos. Ao que me parece, a principal justificativa das matérias que aludem à violência possui em seu âmago o pendor em mostrar os “populares” como propensos, naturalmente à violência ou a atos desse nível. Segundo Dias (2008, p. 111) “a associação entre “criminalidade” e “pobreza” é utilizada, em grande medida pelos que ‘estão do outro lado’, de fora, para sempre colocar ‘os pobres’ no limiar da marginalidade”.

No que tange ao *Aqui PE* e o sujeito feminino vítima de violência, por apenas vinte e cinco centavos de real, o homem e a mulher, classificados como populares, são convidados a vislumbrarem diferentes notícias que naturalizam a violência, bem como a impunidade, atribuindo a estas (as notícias) um caráter homogêneo, quase sempre culpabilizando aquelas que o direito poderia considerar como vítima.

É recorrente nas manchetes expostas na capa deste jornal o questionamento feito pelo/a jornalista àquela que foi considerada uma das maiores conquistas dos tempos atuais dos movimentos sociais feministas e de mulheres: a lei Maria da Penha (nº 11.340/2006 de 7 de agosto de 2006). Esta lei foi instituída em 2006 para o enfrentamento da violência doméstica e familiar sofrida pelas mulheres, violência esta marcada pela impunidade histórica, além do não reconhecimento social da violência contra a mulher, pois tal ato de violação era visto como sendo de menor poder ofensivo. Em sua maioria, os fatos violentos aconteciam no “silêncio” e na “proteção” das casas (BRASIL, 2012). Afinal, quem nunca ouviu a famosa frase: “Em briga de marido e mulher não se mete a colher”?

Mesmo sendo internacionalmente reconhecida como exemplo de enfrentamento a violência contra a mulher (BRASIL, 2012), o jornal *Aqui PE*, ao mencionar a referida lei, questiona a validade da mesma. Em muitas as ocasiões a



vítima, passa a ser culpada pelo ato violento que sobre. Como exemplo, temos a seguinte matéria que mostra também a forma como o jornalista expõe os fatos. Em dado momento o agressor se coloca como inocente, e afirma, conforme trecho da matéria:

Gilson Anselmo negou as acusações e disse que a vítima, na verdade, era ele. “O agressor foi o filho dela. Eu estou todo arranhado aqui. Eu fui inocente, sou uma pessoa trabalhadora, não sou vagabundo e eu quero justiça, **por que eu não admito ir para cadeia por causa de uma besteira dessas**”, afirmou (Os negritos são meus).<sup>‡</sup>

A matéria, da forma como foi construída, deixa implícita a total falta de contexto no que diz respeito à violência cotidiana sofrida por diversas mulheres. No caso em questão, a afirmativa do agressor expõe parte desta falta de contextualização do reconhecimento das especificidades da violência sofrida pelas mulheres. Acrescente-se a esta análise a forma como o suposto agressor justifica o motivo pelo qual foi preso: “**por que eu não admito ir para cadeia por causa de uma besteira dessas (...)**.”<sup>§</sup> Seu ato de violência foi transformado em algo banal, corriqueiro. Ora, bater em um indivíduo não pode ser motivo de prisão, principalmente quando se trata de uma mulher, no caso, sua esposa. Mesmo que ela esteja grávida... A mulher pertenceria ao homem, e esta lógica não foi percebida pelo jornalista, que preferiu tão somente mostrar o conflito como algo banal, e o que é pior, justificar em uma matéria de capa um questionamento à lei Maria da Penha. Ora, se a mulher agredida mandou soltar o agressor, então, a culpa por “apanhar” seria única e exclusiva dela.

Ao retratar os fatos de violência nas páginas de um jornal sem demarcar as particularidades das violências, no nosso caso a violência de gênero, o processo de indistinção acarreta a naturalização da violência, marcada por contextos culturais e históricos, por exemplo. Segundo Pereira (2009, p. 494) “a indistinção esconde rastros de gênero dos discursos, reforçando a idéia de um narrador neutro e

<sup>‡</sup>Ficou solto após bater na mulher. Aqui PE, Recife, 18 de junho de 2013, p. 03.

<sup>§</sup> Idem, ibidem, loc cit.





Em sua maioria os relatos da violência se consubstanciam na relação dicotômica dos sexos. Deixo claro que não desejo biologizar esta violência, tampouco atribuir condição natural de vítima para a mulher. Estas sofrem diferentes atos de violência por razões que vão além da questão biológica. São agredidas por serem preteridas no mercado de trabalho, por não ocuparem espaços públicos na mesma proporção que os homens, e por estarem quase sempre no lugar do objeto sexual, por exemplo. A violência contra as mulheres é antes de tudo resultado de uma sociedade que constrói identidades de gênero baseadas em relações de poder, onde este é exercido pelo homem em uma sociedade falocêntrica. Essas relações, segundo Saffioti (1997, p.87) apresentam “duas faces: a da potência e a da impotência. As mulheres são socializadas para conviver com a impotência, os homens – sempre vinculados à força são preparados para o exercício do poder.” Como afirma Albuquerque Júnior (2013), o falo, ereto, viril e em riste detém o poder de dizer, ser e fazer, sobretudo no Nordeste.

Faz-se necessário abordar de forma breve, questões importantes em relação às diferentes formas de violências sofridas pelas mulheres em Pernambuco. Conforme dados da Secretaria de Defesa Social do Estado de Pernambuco\*\*, foram mortas cerca de 1.992 mulheres, no período compreendido entre janeiro de 2006 a março de 2013. †† A capital pernambucana lidera o triste *ranking* deste femicídio, com aproximadas 406. O relatório em questão, ainda é pouco ilustrativo para mostrar os diferentes graus e categorias de violência a que são submetidas as mulheres. Estou apenas ilustrando os casos em que ocorre a morte. Mas, se formos levar em conta as dimensões que compreende o femicídio em sua minudência, poderemos, estimado leitor e querida leitora, concluir que ser mulher em uma sociedade como a nossa, é estar a todo tempo a mercê da violência, seja ela

---

\*\*Pernambuco é historicamente conhecido pelos altos índices de violência contra a mulher. Contudo, atualmente, vem perdendo lugar e encontra-se em quinto lugar no ranking nacional. Para maiores detalhes, ver: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278298021\\_ARQUIVO\\_FAZENDO\\_GENERO\\_TRA\\_B.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278298021_ARQUIVO_FAZENDO_GENERO_TRA_B.pdf). Acesso em 04 de set. de 2013.

†† Para maiores detalhes, ver: <http://www.senado.gov.br/comissoes/documentos/SSCEPI/DOC%20VCM%20034.pdf>. Acesso em 28 de ago. de 2013.

**18º REDOR**  
24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE  
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:  
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



simbólica ou física. Esta é uma sociedade adusta, eu diria, onde ser mulher é bastante difícil apenas por ser mulher.

É importante considerar que esses dados sofrem as dificuldades relacionadas com a não notificação dos crimes, além das disparidades de informações observadas no setor público. Conforme atesta Pasinato (2011):

O difícil acesso e compreensão sobre as estatísticas oficiais, especialmente aquelas que são produzidas no âmbito da segurança pública; disparidade dos dados apresentados pelos serviços de segurança e justiça e aqueles apresentados pelos serviços de saúde, decorrentes das diferenças entre as unidades de registro oficial e sua finalidade (PASINATO, 2011, p. 242).

O assassinato que acomete o sujeito feminino, classificada como femicídio, tem por característica principal, conforme Pasinato (2011, p. 229), citando Russel e Radford “as mortes intencionais e violentas de mulheres em decorrência do seu sexo, ou seja, pelo fato de serem mulheres”. De maneira geral Pasinato (2011), ao discutir o femicídio, sugere que a questão da violência sofrida pelas mulheres não deve ser vista como um fato isolado, mas em sua relação com a perpetuação de práticas de violências físicas, morais, sexuais e psicológicas que possuem como eixo motriz e justificativa a discriminação de gênero, aliadas às diversas conexões com as categorias de raça, etnia, cor, orientação sexual, religião, geração e classe social, destacando-se, nesse sentido, um universo complexo e heterogêneo da violência contra a mulher.

Atrelada à questão do femicídio, é imprescindível o reconhecimento do jornal enquanto tecnologia de gênero, ou seja, “tecnologia que constrói determinadas imagens de homens e mulheres e que atua na produção do masculino e do feminino” (PEREIRA, 2009, p. 485). Assim sendo, mesmo possuindo aspecto de neutralidade, o jornal impresso busca tratar os sujeitos de formas específicas, tabulando suas vivências de violência dentro de uma lógica de construção do lugar do feminino e do masculino.

## **CONCLUSÃO**

**18º REDOR**  
24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE  
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:  
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



A proposta encetada procurou analisar o que caracteriza o jornalismo classificado como popular e questionou se esse conceito contempla aquelas e aqueles que procura representar. Desconstruir tal conceito, no entanto, foi necessário para desvelar o caráter atravessado por interesses diversos que constroem lugares que homogeneízam os sujeitos. Sem a reflexão epistemológica dos significados que circunscrevem o termo “popular” é bem provável que não iríamos conseguir desvelar as representações do sujeito feminino nas páginas desse periódico.

Tomo a violência de gênero, expressa na violência contra a mulher, como reflexão primordial para compreender quais os lugares ocupados pela mulher nas páginas deste jornal. Nesse sentido, foi possível perceber que a construção sujeito femininos estão pautadas numa linearidade que possui como pressuposto o antagonismo entre homens e mulheres. Sendo assim, este jornal estabelece-se enquanto instrumento/dispositivo que assevera não apenas o antagonismo, mas as hierarquias.

Afirmo, contudo, que o jornal Aqui PE, embora seja consumido pelos mais diversos sujeitos no estado de Pernambuco, procura construir seus discursos pautando os desejos masculinos como fonte primeira de inspiração. Embora as mulheres sejam uma constante nas páginas desse jornal, as mesmas existem imersas numa lógica para o homem, seja pelos seus corpos induzidos a serem desejados pelos homens e exibidos para estes, seja nas mulheres vítimas de violência de gênero que possuem suas vozes silenciadas e suas histórias escritas pelo jornal marcadas pela submissão e esgotadas na violação.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, M. F. *Jornalismo popular*. São Paulo: Contexto, 2006.

ARANTES, A. A. *O que é cultura popular*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

